

RELIGIÃO E CULTURA NO PENSAMENTO DE ERICH FROMM ¹

RELIGION AND CULTURE IN ERICH FROMM'S WORK

César de Alencar Arnaut de Toledo
Marcos Ayres Barboza

Recebido para publicação em 09/08/2008

Aceito para publicação em 30/01/2009

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir o pensamento de Erich Fromm (1900-1980) sobre religião e cultura a partir do diálogo que faz com as ideias de Karl Marx (1818-1883) e Sigmund Freud (1856-1939). Para atingir seu objetivo, ele percebeu a necessidade de estudar os fenômenos individuais e sociais, por meio das obras de Marx e Freud, em uma ótica diferente. O texto apresenta a visão de Erich Fromm sobre religião e cultura, bem como os motivos que o levaram a assumir uma posição crítica em relação à religião e à cultura de sua época. Os conceitos de religião e de cultura presentes em sua obra devem ser analisados a partir de sua funcionalidade no cultural e social, pois, desse modo, é possível entender o porquê de a religião não ser mais, como outrora, uma instituição preocupada apenas com o desenvolvimento da individualidade e com a autocriação humana. A grande contribuição de Erich Fromm reside no fato de ter buscado incessantemente os pontos de convergência entre Marx e Freud. Ele inaugurou um debate entre cultura e religião, que ainda não está encerrado.

Palavras-chave: Erich Fromm. Religião. Cultura. Psicanálise. Educação.

ABSTRACT

This article discusses Erich Fromm's thoughts (1900-1980) about religion and culture in a dialogic form with concepts put forwarded by Karl Marx (1818-1883) and Sigmund Freud (1856-1939). Fromm perceives the need to study individual and social phenomena through the mediation of Marx's and Freud's work, albeit from a complete different point of view. Current research presents Fromm's analysis on religion and culture coupled to the motives that made it mandatory for him to have a critical stance on religion and on culture practiced during that time. The concepts of religion and culture in his work should be analyzed according to their functionality within the cultural and social condition. One may thus understand the reason why religion is an institution

¹ Texto apresentado no Congresso Internacional "A indústria Cultural Hoje", na Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP, em agosto de 2006.

which is not so much concerned, as it has been in the past, with the individual's development and human self-creation. Fromm's greatest contribution lies in the fact that he has continuously searched for the convergence between Marx and Freud. In fact, he inaugurated the debate between culture and religion which is still going on.

Keywords: Erich Fromm. Religion. Culture. Psychoanalysis. Education.

Introdução

Erich Fromm (1900-1980), psicanalista e sociólogo, membro da primeira geração da Escola de Frankfurt, em seus trabalhos, influenciado pelo enorme fascínio que possuía em compreender a natureza humana, desenvolveu estudos que o levaram ao entendimento da irracionalidade do comportamento humano, em especial devido às Guerras do século XX, como a Primeira Guerra Mundial, as Revoluções Russa e Alemã, a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial, a Corrida Armamentista, entre outras. (BARBOZA, 2005).

O pensamento de Erich Fromm representa um grande avanço para a psicologia, sobretudo para o desenvolvimento da psicologia social, porém os livros escritos por ele foram praticamente esquecidos pelo meio acadêmico. Na visão de muitos profissionais da área de psicologia, Erich Fromm escreveu apenas livros de autoajuda, obras que não devem ser estudadas, nem mesmo pesquisadas, visto que suas ideias são vinculadas a uma concepção de psicologia de senso comum e simplista, o que, de forma alguma, condiz com a relevância de suas ideias no desenvolvimento da psicologia de forma geral.

Pode-se afirmar que Fromm desenvolveu uma concepção de psicologia de cunho social em uma época com forte predomínio da teoria comportamental. Seu pensamento tem muito a contribuir para a história da psicologia, especialmente para a história da psicologia social, por causa do diálogo que estabelece com o pensamento de Karl Marx (1818-1883) e Sigmund Freud (1856-1939). Fromm, nesse sentido, é um legítimo representante do humanismo no campo da psicologia.

Foi com a descoberta da psicanálise por Freud que surgiu o movimento de orientação humanista na área da psicologia, em particular com a publicação, na Alemanha, das obras **Totem e Tabu**, em

1912-1913 (1974a); **O futuro de uma ilusão**, em 1927 (1974b) e **Mal-estar na civilização**, em 1930 (1974c). A psicanálise, a partir dessas obras, não apenas direcionou os rumos da psicologia como ciência, mas seus efeitos foram sentidos em quase todos os campos do conhecimento científico. Passou a ser mais que um método de investigação psicológica de uso restrito ao *setting* analítico. Ganhou proporções maiores, notadamente no campo da cultura, o que trouxe, em consequência, uma nova forma para o fazer psicológico. O método freudiano de investigação deixou de ser uma psicologia individual para se tornar uma psicologia de caráter social. Os escritos de Freud avançaram da interpretação das neuroses e dos sonhos para uma leitura dos mais variados elementos culturais. As análises da personalidade humana ultrapassaram os limites do modelo das ciências naturais, ocasionando grandes repercussões no campo das ciências sociais. O modo de pensar a cultura desenvolvido por Freud fez que outros campos do conhecimento repensassem a sua forma de produção de conhecimento; dentre eles, pode-se citar a pedagogia, a psiquiatria, as artes. Para essas áreas do conhecimento humano, a teoria freudiana ofereceu novo significado e importância aos elementos subjetivos, que para a psicologia comportamental não tinham sentido. Noutros campos da ciência, como a filosofia, por exemplo, as contribuições de Freud fizeram os filósofos repensar o próprio pensamento filosófico.

As ideias de Erich Fromm não podem ser analisadas sem que se faça menção ao período em que era membro da chamada Escola de Frankfurt, já que muito do que elaborou posteriormente foi resultado de seus estudos preliminares lá realizados. A tarefa de Fromm era explicar os elos entre a dinâmica psíquica, as bases econômicas e a expressão da superestrutura da ideologia na sociedade contemporânea.

Erich Fromm e a Escola de Frankfurt

Erich Fromm percebeu que, para atingir seus objetivos, seria necessário estudar os fenômenos individuais e sociais e, desse modo, compreendeu que o estudo das obras de Freud e Marx seriam fundamentais em suas investigações sobre o comportamento humano. Ele “[...] queria compreender as leis que governavam a vida do homem individual e as leis da sociedade - ou seja, do homem em sua existência social”. (FROMM, 1965, p. 14). Seus estudos sobre a psicanálise iniciaram-se na década de 1920, e foram concluídos por volta de 1927. A obra **Der Sabbat**, publicada naquele ano, foi um de seus primeiros estudos sobre psicologia profunda. Nela já demonstrava o seu abalizado conhecimento dos conceitos de interpretação analítica desenvolvidos por Sigmund Freud. (BARBOZA, 2005).

Na década de 1930, foi para os Estados Unidos juntamente com os demais membros da Escola de Frankfurt, por temerem as consequências de uma possível Guerra Mundial que se avizinhava. Nessa mesma época, em razão de uma crise financeira que abalou os fundos do Instituto, foi obrigado a se afastar de sua função de pesquisador. Nos anos posteriores desenvolveu suas obras mais importantes, dentre elas **O medo à liberdade** (1941/1967), **Meu encontro com Marx e Freud**, (1962/1979), **Análise do homem** (1947/1966a), **Psicanálise e religião** (1950/1966b), **Psicanálise da sociedade contemporânea** (1955/1965) e **Conceito marxista do homem** (1961/1983).

Nessas obras, Erich Fromm compôs uma visão sobre a alma humana que marcou a psicologia e a psicanálise de modo que seu nome passou a figurar entre os grandes clássicos das duas áreas. Em todas elas, pode-se notar um profundo e instigante humanismo e uma tentativa de construir uma visão autônoma de homem e de mundo, tomando por base as grandes correntes de pensamento acerca do homem e da sociedade de seu tempo, especialmente o marxismo e a psicanálise.

Em sua obra **Conceito marxista do homem**, publicada nos Estados Unidos em 1961, ele desenvolveu uma análise da obra **Manuscritos econômicos e filosóficos**, de Marx e Engels, publicada em Berlim em 1932. Segundo Fromm, o texto de Marx e Engels representa um protesto contra a alienação humana pela divisão do trabalho, a alienação hu-

mana em relação a si mesmo e a transformação do homem em mercadoria. A alienação é a doença do homem moderno. A cultura, no processo de alienação, tem um papel fundamental. A cultura, a serviço da ordem e da manutenção da estrutura de organização social capitalista, estimula a prática entre os indivíduos do consumismo desenfreado, como um passo à felicidade. Para Fromm, a mídia também tem um papel de destaque, já que contribui para o processo de alienação e de adaptação do homem às condições de vida de sua época. A função do caráter social é moldar o comportamento dos indivíduos de acordo com os valores morais burgueses.

Cultura e Religião em Erich Fromm

As análises de Fromm sobre a cultura apontam que à escola, como um espaço de formação cultural, cabe o treinamento necessário de adaptação do homem à sociedade. Para ele, na sociedade burguesa, a formação cultural deixa de significar o desenvolvimento integral dos indivíduos, da compreensão de si mesmo, do mundo e do conhecimento produzido em todas as áreas da ação humana. A cultura, afirma Fromm, não se limita apenas ao processo de adaptação do homem à sociedade; aliás, tem um caráter mais ativo, visto que representa a responsabilidade consciente do agir humano sobre o seu trabalho, da compreensão de si próprio e da natureza. O processo de industrialização vinculado ao processo de urbanização contribui para formar trabalhadores em áreas específicas de curta duração, para uma rápida inserção do trabalhador na indústria. O que não depende de uma formação cultural que desenvolva integralmente o ser humano. O processo de industrialização dos meios de produção trouxe e traz grandes problemas ao processo de formação cultural, em particular à educação. Isso porque a necessidade de habilidades técnicas e manuais foi muito valorizada pelo modo de produção capitalista, o que exigiu formas mais flexíveis de educação. O pensamento desenvolvido por Marx, especialmente o seu conceito de homem, afirma Fromm, significa a necessidade de um repensar a formação intelectual dos indivíduos. Significa também a emancipação humana por meio do discernimento e da esperança.

Nesse texto, Fromm evidencia alguns equívocos de interpretação das obras escritas por Marx. Segundo ele, as obras de Marx são referências em vários campos do conhecimento científico; contudo, muitos daqueles que fizeram menção às suas ideias jamais leram sequer uma linha de suas obras e os equívocos foram vários.

O conceito de materialismo empregado por Marx e Engels foi um dos que sofreu deformações. Para muitos, materialismo e idealismo significavam a mesma coisa. Fromm (1965) argumenta que os conceitos de “materialismo” e de “idealismo” apresentam distinções no campo da filosofia. Os significados não coincidem; aliás, são opostos. Na filosofia, o conceito de idealismo significa que os pensamentos humanos têm sua origem nas ideias e não são um produto da atividade material, conforme argumentos de Marx e Engels. Nas análises desses autores, o conceito de materialismo quer dizer que:

[...] não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam nem daquilo que são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens, da sua actividade real. É a partir do seu processo de vida real que se representa o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas deste processo vital. (MARX; ENGELS, s/d, p. 26).

Marx (1882), em seu texto **O Capital**: crítica da economia política, publicado em 1867, estudou o modo de produção do sistema capitalista e as relações de produção e circulação de mercadorias tomando por base a análise da produção industrial já estabelecida na Inglaterra. Seu objetivo era investigar a produção material dos indivíduos ao produzir, em sociedade, a sua existência. Os indivíduos, para ele, não eram livres e iguais como defendiam as teses liberais elaboradas por Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823), identificadas por Marx como “robinsonadas”.

Marx (1985), em **A miséria da filosofia**, obra publicada em 1846-1847, observou como os economistas compreendiam as relações burguesas. Para Proudhon (1809-1865), as categorias econômicas eram fixas e imutáveis, mas não explicava como essas relações eram produzidas. Segundo Marx, faltava a explicação sobre o modo como as relações de produção determinavam a maneira de organização da sociedade e suas relações sociais.

Marx (1985) não entendia o ser humano como um ser a-histórico, vivendo à margem da sociedade. Para ele, a essência humana não está predeterminada. São os homens reais que, na busca pela sua sobrevivência, produzem-se e produzem a sua própria história. No entanto, não a desenvolvem como querem, uma vez que são obrigados a dispor de sua força de trabalho de acordo com os valores existentes e, nesse sentido, estabelecem relações de trabalho contrárias a seus interesses. Marx mostrou em seus trabalhos que o modo de organização da produção determina as relações de trabalho, bem como as relações sociais e culturais.

Marx e Engels (1985) desenvolveram suas análises a partir dos resultados do processo de desenvolvimento realizado pela humanidade, evidenciando que o modo de organização social burguesa era a forma mais desenvolvida de sociedade existente. Eles demonstraram que os trabalhadores, ao disporem de sua força de trabalho para satisfazer as suas necessidades de sobrevivência, estabeleciam relações contratuais pelas quais se obrigavam a condições de trabalho alienantes e de exploração.

Orientando-se por tais pressupostos, Fromm (1983) afirma que os mais controvertidos intérpretes tendiam à convicção de que, para Marx, o desejo econômico era a maior das motivações humanas; falavam, ainda, em negligência do valor do ser humano como pessoa e da falta de respeito para com as necessidades espirituais dos indivíduos. Segundo ele, ainda se afirmava que Marx tinha como ideal a satisfação das necessidades básicas sem se preocupar, contudo, com a formação intelectual; que suas críticas à religião tendiam à negação de todos os valores espirituais. Para Fromm, tais ideias sobre o materialismo de Marx eram todas inteiramente falsas, pois, “a meta de Marx era a emancipação espiritual do homem, sua libertação dos grilhões do determinismo econômico, sua reintegração como ser humano [...]”. (FROMM, 1983, p. 15).

Para ele, um indivíduo doente é um indivíduo alienado. Marx e Engels, em 1844, com a publicação de sua obra **Manuscritos econômicos e filosóficos** transformaram o conceito de alienação religiosa, desenvolvido por Ludwig Feuerbach (1804-1872) em alienação do trabalho. Na obra, afirmaram que o trabalhador, quanto mais trabalhava, mais se tornava dependente e alienado. Com a divisão do trabalho, o trabalhador deixou de se reconhecer

como produtor e, em consequência, transformou-se também em mercadoria. O que contribuiu para que o trabalhador deixasse de ser considerado como uma parte fundamental do processo de produção; mais que isto, tornou-se apenas mais um produto ou mercadoria que poderia ser substituído a qualquer instante. Marx e Engels, nessa obra, trataram o processo de alienação como ocorrendo não só no trabalho, o trabalhador se tornava alienado em relação a si mesmo, a seus companheiros e à natureza. De acordo com Fromm (1965, p. 49),

Uma consequência direta da alienação do homem com relação ao produto do seu trabalho, à sua atividade vital e à sua vida como membro da espécie é o homem ficar alienado dos outros homens. Quando o homem se defronta consigo mesmo, também se está defrontando com outros homens. O que é verdadeiro quanto à relação do homem com seu trabalho, com o produto desse trabalho e consigo mesmo, também o é quanto à sua relação com outros homens, com o trabalho deles e com os objetos desse trabalho.

Fica evidente por que Erich Fromm considera a alienação uma doença da qual todos sofrem, especialmente os trabalhadores. Ele aproxima o problema da alienação da moral e da psicologia na medida em que ela corrompe e destrói todos os valores humanos. Com a supervalorização das atividades econômicas, valores como ganho, trabalho, parcimônia e sobriedade passam a preponderar sobre os demais valores humanos. As necessidades humanas também são deformadas. Tornam-se fraquezas, visto que grande parte dos indivíduos procura sobrepor suas vontades individuais às dos outros.

A ideia de consumo é vinculada à ideia de felicidade, o que contribuiu para o aparecimento dos apetites desumanos e, além disso, o homem deixa de aprimorar as virtudes de sua existência para se submeter aos caprichos da luxúria e do prazer. Segundo Fromm (1983, p. 60), o homem mercadoria “[...] só conhece um meio de relacionar-se com o mundo exterior: o de tê-lo e consumi-lo (usá-lo). Quanto mais alienado estiver, tanto mais a sensação de ter e usar constituirá sua relação com o mundo”.

Analisando o fenômeno da alienação, Fromm (1965) aproxima-o do fenômeno da transferência, um dos conceitos mais importantes elaborados por Freud. O conceito de transferência está relacionado à ideia da transferência de sentimentos de amor, de

medo e de ódio para as figuras paterna e materna, para a pessoa do analista. Freud (1974a), em sua obra **Totem e Tabu**, publicada entre 1912-1913, na Alemanha, analisou as culturas das sociedades primitivas. Nessa obra, afirmou que o fenômeno da transferência não se limitava apenas ao *setting* analítico, mas que se manifestava em todas as formas de idolatria de figuras de autoridade, fossem elas políticas, religiosas ou sociais. Para Fromm, a alienação do pensamento não difere da alienação do trabalhador.

É como alguém acreditar que pensou alguma coisa, e que sua ideia é resultado de sua própria atividade de reflexão; a verdade é que transfere seu cérebro para os ídolos da opinião pública, os jornais, o governo ou um líder político. Acredita que estes expressam seu pensamento, quando na realidade ele aceita os pensamentos dessas personalidades como se seus fossem, porque as escolheu para ídolos, deuses da sabedoria e do conhecimento. Precisamente por essa razão, depende dos ídolos, sendo incapaz de sustar sua idolatria. É escravo deles porque lhes confiou seu cérebro. (FROMM, 1965, p. 57).

Segundo os argumentos de Fromm (1965), até mesmo o futuro é transformado em ídolo. A idolatria da história conduz a uma forma de compreensão pela qual o movimento da história é quem transforma o homem. Marx e Engels, em **A ideologia alemã** (s/d), escrita entre 1845-1846, manifestaram-se contrários a esse conceito alienado da história, ao afirmarem que a história consistia na exposição do processo de produção da vida material.

Fromm considera a alienação um fenômeno necessário, que faz parte do processo de desenvolvimento humano. “O homem tem de tornar-se alienado para poder superar essa divisão na atividade da sua razão” (FROMM, 1965, p. 59). Para ele, o indivíduo só se reconhece como parte do mundo à medida que é capaz de distinguir o mundo externo de seu próprio eu. O mundo externo precisa ser reconhecido como um objeto para que o indivíduo seja capaz de compreendê-lo e, assim, poder fazer parte dele.

Com a modernidade, afirma Fromm (1965), o homem ressignifica os conceitos de alienação e de cultura, fazendo deles aliados das forças econômicas, com o firme propósito de manter as classes trabalhadoras, bem como as demais classes, à mercê

da ordem social burguesa. As crises diplomáticas entre os países asiáticos, europeus e americanos também têm como resultado a busca pela hegemonia do poder econômico e financeiro mundial. A disputa pelo poder econômico e financeiro, segundo ele, é consequência das necessidades dos países envolvidos, que têm como objetivo a ampliação de seus mercados de consumo de modo a ter em mãos um vasto mercado para que possam comercializar os seus produtos.

A alienação era compreendida por Marx de maneira diferente de Freud. Enquanto Freud pressupunha que a neurose social era formada pela experiência do indivíduo em seu meio familiar; para Marx, a patologia humana era um produto do meio social. Freud, com base em sua teoria da libido, postulava que o homem sadio era aquele que havia atingido o “nível genital” em sua plenitude. Fromm (1965), contudo, entende que o processo de desenvolvimento da libido, que explica a teoria do desenvolvimento em Freud, responde parcialmente à questão.

O pensamento de Marx sobre o desenvolvimento humano, avalia Fromm (1965), é mais completo, porque suas elaborações teóricas se baseavam nos ideais humanistas do homem independente, ativo e produtivo. A compreensão de Freud sobre a liberdade humana era limitada, se se considera que a independência em Marx estava baseada no ato de autocriação. De acordo com Fromm, o homem independente, para Freud, era aquele que havia se libertado de sua dependência em relação à figura paterna; para Marx, ser independente, significava possuir o controle sobre a dependência da natureza. O homem segundo Freud, argumenta Fromm, era um ser autossuficiente, dependia apenas do outro para a satisfação de suas necessidades; para Marx (1985), o indivíduo era um ser social.

Fromm (1965), analisando a influência da base econômica sobre as instituições políticas e jurídicas, assevera que Marx e Engels (s/d), por exemplo, na obra **A ideologia alemã**, não conseguiram demonstrar de que forma a base econômica exercia influência na superestrutura ideológica. Então, ele busca em Freud os instrumentos analíticos para demonstrar de que maneira a estrutura econômica está vinculada à superestrutura.

A partir do seu conceito de “caráter social”, Fromm estabelece o laço que faltava para explicar

a ligação entre a estrutura econômica e a superestrutura. Para isso, desenvolve o conceito com base nas ideias freudianas sobre o caráter dinâmico da personalidade. O traço de caráter representa a forma de pensar, agir e sentir dos indivíduos, mas ele não pode ser observado nas reações comportamentais. Ele só pode ser identificado com base nas análises das motivações internas de cada um, isto é, na maneira como as pessoas direcionam a sua energia libidinal para determinados fins que, muitas vezes, são inconscientes para elas próprias. De acordo com ele, “o homem é motivado a agir e pensar de determinadas formas pelo seu caráter e ao mesmo tempo encontra satisfação no simples fato de agir assim”. (FROMM, 1965, p. 76).

Segundo ele, é impossível as pessoas apresentarem o mesmo caráter pessoal. Nem mesmo é possível existirem duas pessoas com o mesmo caráter. Ele identifica alguns tipos de caráter: o receptivo, o explorador, o entesourador, o negociante e o produtor. Porém observa que esses traços de caráter existem em quase todas as culturas; e o que é determinante na maneira de ser do indivíduo não são os seus traços de caráter individuais, mas, sim, o modelo de organização de caráter social coletivamente valorizado pela sociedade a que pertence. O caráter social é “[...] um elemento essencial no funcionamento de uma sociedade, e ao mesmo tempo age como uma correia de transmissão entre a estrutura econômica da sociedade e as ideias predominantes”. (FROMM, 1965, p. 79)².

O caráter social, de acordo com ele, tem uma função fundamental dentro de determinada sociedade. Seu papel é dar forma ao comportamento dos indivíduos de maneira que eles possam agir conforme o modelo exigido pela estrutura e pelo funcionamento da cultura. Foi o que a grande indústria fez com os trabalhadores ao longo da história ao canalizar a energia libidinal dos indivíduos para o trabalho. Para isso, foi preciso que as pessoas desenvolvessem qualidades como disciplina, ordem e pontualidade. “A necessidade social do trabalho, da pontualidade, da ordem tinha de ser transformada num impulso interior”. (FROMM, 1965, p. 81).

² Segundo Fromm (1965, p. 79), o conceito de caráter social pode ser compreendido como sendo “[...] o núcleo da estrutura de caráter partilhada pela maioria dos membros da mesma cultura, em contraposição ao caráter individual no qual as pessoas pertencentes à mesma cultura diferem entre si”.

Da mesma forma, pode-se afirmar que o consumo transformado em virtude é valorizado socialmente pelo modo de produção capitalista. As formas de controle social que no século XVIII e XIX eram determinadas pelo controle autoritário, a partir do século XX passaram a ser determinadas mais pelo consentimento do que pela obediência; o que, sem dúvida alguma, demonstra o papel fundamental da função do caráter social na sociedade num determinado contexto histórico.

O caráter social não tem apenas a função de modelar o comportamento social dos indivíduos; sua função também é servir de base para o surgimento de ideias, ou seja, “[...] ele também é a base onde certas ideias retiram sua força e atração”. (FROMM, 1965, p. 84). Na sociedade capitalista, por exemplo, uma das ideias fundamentais é o conceito de propriedade privada. Ele é a base de sustentação dos argumentos ideológicos da burguesia. A propriedade privada é um bem inalienável e, mesmo aquele que não a possui, por princípio a defende, como se fizesse parte da classe dominante.

De acordo com Fromm (1965), o caráter social é um dos elos entre a ordem social e as ideias; o outro, é o conceito denominado inconsciente social. Esse conceito trata das áreas de repressão que são comuns a todos os indivíduos de uma mesma sociedade. Sua finalidade é reprimir aqueles conteúdos que a sociedade deveria omitir para que ela funcione, mesmo com suas contradições, de maneira satisfatória.

O id social é similar ao conceito de id individual elaborado por Freud, mas com uma diferença, o conceito freudiano se refere à repressão dos impulsos ambivalentes para com a figura paterna e a materna. O conceito freudiano tem um caráter individual, ao passo que o conceito elaborado por Fromm está relacionado ao modo de produção da vida social. O que se reprime são as contradições do sistema burguês de produção. Nas elaborações teóricas de Fromm (1965, p. 97), além das motivações internas, “[...] reprimimos também a consciência de fatos, desde que contrariem certas ideias e interesses que não desejamos ver ameaçados.”

Segundo a concepção de Freud, o indivíduo seria capaz de romper a repressão e trazer à consciência os conteúdos inconscientes para poder ser o dono do seu próprio destino. Marx e Engels (s/d, p. 25), também, em **A ideologia alemã**, postulam que

o papel da consciência é romper com a percepção imediata das coisas, visto que “a produção de ideias, de representações e da consciência está em primeiro lugar directa e intimamente ligada à actividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real”. Para esses autores, a consciência seria a consciência de homens vivendo em sociedade, produzindo sua vida material; segundo eles, as circunstâncias determinam a maneira como os indivíduos dão sentido à sua existência.

Marx e Engels estabeleceram, ainda, uma relação entre a consciência e a linguagem para destacar o valor social da consciência, ao enfatizarem que:

A linguagem é tão velha como a consciência: é a consciência real, prática, que existe também para outros homens e que portanto existe igualmente só para mim e, tal como a consciência, só surge com a necessidade, as exigências dos contactos com os outros homens. [...] A consciência é pois um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens. (MARX; ENGELS, s/d, p. 36).

Segundo Fromm (1965), os conceitos de inconsciente, ainda que em Marx e Freud sejam distintos, apresentam muita coisa em comum. A consciência é, para ambos, uma consciência falsa. Segundo seus argumentos, “o homem acredita que seus pensamentos são autênticos, produtos de seu raciocínio, quando são na realidade determinados pelas forças objetivas que funcionam à sua revelia”. (Fromm, 1965, p. 104).

Apesar de as teorias de Marx e Freud apresentarem pontos em comum, há questões divergentes entre eles. Marx (1985) afirmou, por exemplo, que o homem e a sua existência eram determinados pelo modo de produção de sua vida material; por sua vez, Freud (1974b) argumentou que a sociedade apenas influenciava parte do aparelho psicológico pela repressão. Nesse sentido, no pensamento de Freud, o indivíduo poderia superar os mecanismos de repressão da consciência, mas sem que houvesse modificações em sua estrutura social. Marx (1985) pensava diferente. Para ele, a única forma de liberdade possível seria a autorrealização humana a partir de transformações no modo de organização econômica e social. Segundo a concepção de Fromm (1965, p. 125), ter consciência dos “[...] meios inconscientes significa entrar em contacto com a plena humanidade e eliminar as barreiras que a sociedade

ergue dentro de cada homem e, conseqüentemente, entre cada homem e seu companheiro”.

Desse modo, como é possível libertar o homem de suas ilusões? As críticas que Marx e Freud fizeram à religião eram para chamar a atenção para o fato de que a religião estava ou está, também como a cultura, a serviço da ideologia burguesa, do mesmo modo que o caráter social com sua função de modelar o comportamento e a consciência humana, tornando certos elementos contraditórios da sociedade burguesa alheios à realidade do indivíduo.

Segundo Fromm (1965), a dúvida é um dos pontos em comum entre Marx e Freud; ou seja, para eles, a arte do questionamento de todas as coisas era um dos fundamentos de suas elaborações teóricas. O “espírito crítico” está presente na obra de Marx quando fala a respeito do pensamento que, segundo ele, é fruto do modo como as ideias são determinadas pela sociedade, a partir de sua estrutura e modo de funcionamento. Freud, da mesma forma, descobriu, com base em sua teoria psicanalítica, que grande parte das ideias não correspondem aos fatos reais. Para ambos, a maioria dos pensamentos das pessoas representam ideias ilusórias e têm como única finalidade a amenização da opressão social. “A dúvida e o poder da verdade e humanismo são os princípios orientadores e motores da obra de Marx e Freud”. (FROMM, 1965, p. 22).

Freud partiu em defesa da satisfação das motivações humanas desde que fossem orientadas pela razão. Ela, na compreensão de Fromm (1965), era um dos princípios da tradição humanista presente no pensamento de Freud. Marx também, como um legítimo representante da tradição humanista, defendeu a causa humana por discordar da manipulação e da opressão exercida pelas relações materiais de produção que, em suas análises, limitavam as possibilidades individuais, não permitindo a total realização humana.

Conclusão

As críticas feitas à religião por Marx e Freud tinham como objetivo combater a forma como ela contribuía para o processo de alienação, pois ela não atendia à efetivação da totalidade criadora do ser humano. Aliás, tanto a religião como a cultura apenas contribuía para o fortalecimento da estru-

tura social burguesa de manipulação e opressão dos trabalhadores, pela fragmentação de suas ideias, por meio de uma educação aligeirada e pela valorização social do ideal de consumo.

Conforme considera Erich Fromm, Marx e Freud:

Juntamente com Einstein [...] foram os arquitetos da era moderna. Todos os três estavam imbuídos da convicção de uma ordem fundamental da realidade, atitude básica que vê na natureza - de que o homem é parte - não apenas segredos a serem descobertos, mas um padrão e um sentido a serem explorados. Portanto, a obra deles, cada qual de sua forma singular, encerra elementos da mais alta arte, bem como da ciência, a mais alta expressão do anseio humano de entendimento, sua necessidade de saber. (FROMM, 1965, p. 16).

Embora existam diferenças entre eles, entende-se que Marx e Freud sejam representantes da tradição humanista; tinham em comum o desejo incondicional de libertação do indivíduo de suas ilusões e ideologias, visto que elas tendem a fragmentar o pensamento crítico do ser humano e a impor uma condição existencial limitada.

Freud (1974b), na obra **O futuro de uma Ilusão**, publicada na Alemanha em 1927, afirmou que somente se poderia chamar uma religião de alienante quando os desejos humanos assumissem o controle da espiritualidade humana pelo desprezo da realidade. Nesse sentido, compreende-se que a religião, considerada como um refúgio para os problemas humanos, pode atender aos apelos de uma estrutura mental conflitante, que é incapaz de suportar a realidade.

Marx e Engels, na obra **A ideologia alemã** (s/d), afirmam que a ilusão está vinculada ao conceito de alienação. A religião seria ilusão ao se apresentar como um instrumento a serviço da manutenção da forma de estrutura e de organização da sociedade burguesa. Marx e Engels se preocuparam com a libertação do homem de seu trabalho alienado, para que ele fosse capaz de desenvolver a sua individualidade e sua autocriação.

O tema central no pensamento de Marx era a transformação do trabalho alienado em trabalho produtivo. A crítica feita ao capital não se justifica pela má distribuição de renda, mas, pela perversão do trabalho. O trabalho é alienante e, sob certas circunstâncias, o trabalhador está alienado em rela-

ção a si próprio, aos seus semelhantes e à natureza. Segundo Fromm (1965, p. 17), Marx conseguiu “[...] associar o legado espiritual do humanismo iluminista e do idealismo alemão à realidade dos fatos econômicos e sociais, lançando assim as bases de uma nova ciência do homem e da sociedade [...]”.

O foco de análise teórica de Fromm sobre religião e cultura não é a presença ou ausência de religião ou de cultura, sua preocupação se volta para a espécie de religião e de cultura existentes. Assim, percebe-se que ele busca entender se a religião e a cultura dos indivíduos contribuem ou não para o desenvolvimento das potencialidades humanas; para isso, será preciso que o ser humano tenha condições para adquirir uma formação cultural sólida que o leve a uma compreensão de si mesmo, de suas relações com outros homens e com a natureza. Nesse sentido, “a tarefa da crítica não é denunciar os ideais, mas mostrar sua transformação em ideologia, e desafiar a ideologia em nome do ideal traído”. (FROMM, 1965, p. 130).

Foi por essa razão que ele combateu a religião e a cultura de sua época como Marx e Freud, já que elas não atendiam às necessidades humanas de liberdade e de autocriação. Assim, a solução para o conflito está no desenvolvimento integral do ser humano, a partir da união entre formação cultural e trabalho produtivo. Este parece ser o grande desafio atual dos cientistas sociais ligados ao campo da pedagogia, visto que se faz necessário criar condições reais e efetivas para que a classe trabalhadora tenha acesso a uma formação cultural plena.

Desse modo, acredita-se que a ligação entre formação cultural e trabalho produtivo seja um caminho possível no processo de melhoria das condições de vida das classes trabalhadoras; contudo, entende-se que é preciso lutar contra o aligeiramento da formação em um contexto escolar pobre para pobres. Com efeito, posto que as políticas públicas neoliberais fragmentam o trabalho educativo por meio de medidas voltadas à privatização, desregulamentação e descentralização do sistema educacional brasileiro, o aligeiramento torna-se uma cultura da miséria.

Referências

- BARBOZA, Marcos Ayres. **Educação, religião e cultura nos escritos de Erich Fromm**. Monografia de Especialização não publicada, Curso de Especialização em Pesquisa Educacional. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, PR, 2005.
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 12, p. 13-194. Rio de Janeiro: Imago, 1974a.
- _____. O futuro de uma ilusão. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 21, p. 13-71. Rio de Janeiro: Imago, 1974b.
- _____. O mal-estar na civilização. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 21, p. 75-279. Rio de Janeiro: Imago, 1974c.
- FROMM, Erich. **Análise do homem**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1966a.
- _____. **Conceito marxista do homem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____. **Meu encontro com Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. **O medo à liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- _____. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- _____. **Psicanálise e religião**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano. 1966b.
- MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Global, 1985.
- _____. **O capital: crítica da economia política**. 8. ed. São Paulo: DIFEL, 1982. v. 1.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, s/d. v. 1.
- _____. Manuscritos econômico-filosóficos. In: _____. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 3-48

